



Samuel L. París

QUANTO MAIS EU BATO NELE, MAIS SE RI AINDA DE MIM

Ser um puto super-herói. Decidir sermos um super-herói.

E ter por barba unha cona peluda e (felizmente) triste de tanto aguentar camareiros que dam mal a volta. E sair nas quintas à noite como se ainda estivéssemos nos (felizes) anos noventa. E esbanjar os nossos (felizes) dinheiros de mentira em mentiras feitas já mentira no amanhecer das mentiras. E que bonita estás! E ter por super-amigos a super-amigas (feliz retorcim de género ai-ai-ai) das quais nom som capaz de desiludir. E guardar numha gaveta de mogno todas as mençõs (felizes) sobre o cabelo-cotton de Mandela e o sexo interracial.

Todo isto é um resumo feliz.

Ser um super-herói e transmutar a Constituiçom Hespânica e enche-la de desenhos de xardas, desenhos de centrais (felizes?) de terceira regional, desenhos dumha iconoclastia imprópria (aqui vai correr o sangue). E também poder esganar com as maos (um a um) a todo quanto deputado esteja vivo (nom estivo mui bem). E nunca passa nada.

Todo isto é um exemplo feliz.

E continuar odiando tanto a esquerda parlamentar como já odiava a esquerda parlamentar antes de ser um super-herói. E continuar odiando tanto as companhias telefónicas, a correçom política, nom poder acabar tirado todo o santo dia, contrassorrir todo o santo dia e, por cima, aturar reler a minha assinatura em papéis que escolhim às más. E, por cima, marchar deste puto país que odeio e odeio tantíssimo.

Ser um estranho super-herói.

E admitir ser umha frustraçom adaptada a um fracasso (feliz) que, a todas as luzes, nom é tal. Sim tal. Nom tal. E beber água benta como garantia de estar a agir de puta pena dia trás dia. E que as gatas sejam como as pessoas com que te topas às três mil da noite na parte de trás da parte de trás (os bigodes). E continuar com os apelidos por determinar: saís cedo à noite, chegas cedo de manhã. E continuar a andar, porque sempre nos ficará a esperança de que, como a vida, todo acaba.

Todo acaba.

A heroicidade. A deceçom. A harmonia. Todo acaba.

Que pouco me duram as luvas de goma e que pouco a felicidade!

PABLO MARTÍNEZ, 'NANO', MEMBRO DO CS A REVIRA

Em Ponte Vedra reproduzem-se a diário os velhos clichês sobre a língua

A.L. / O centro social A Revira, na cidade de Ponte Vedra, acaba de fazer 10 anos e celebrou-no a começos deste mês de dezembro com umha série de atividades a que se achegaram perto de um cento de pessoas. A experiência da Revira demonstrou que um projeto em chave de país e claramente

anticapitalista pode assentar-se numha localidade com as particularidades de Ponte Vedra. Também nestes anos, este centro conseguiu fazer-se espaço no tecido associativo da cidade, estando também presentes nas protestas contra Ence ou nas convocatórias da Plataforma Anti-touradas.

A Revira fai 10 anos. Qual é a evoluçom deste projeto através de todo este tempo?

Eu destacaria sobretudo as grandes mudanças no funcionamento e na colaboraçom com outros muitos coletivos da cidade. Resulta óbvio que nestes 10 anos de história houve unha evoluçom muito grande que é visível em muitos aspetos. Há que compreender as diferentes etapas polas que passamos neste longo percurso, com momentos de grande atividade e outros de dificuldades, com centos de pessoas associadas ou apenas umha dúzia, mas sempre ao serviço do movimento popular da comarca.

Quando a Revira iniciou a sua atividade tinhas 13 anos. Começaste a participar com essa idade?

Nom comecei com os 13. Com essa idade começava, como muitos outros, a ser consciente da situaçom do nosso país e como funcionava o mundo ao meu redor, simplesmente comecei a frequentá-lo, a participar nalgumas das atividades, a recolher colantes, panfletos, publicaçõs... Depois foi todo questom de tem-

po: vas formando-te, tendo maior consciência, botando um cabo... até que compreendes a importância de projetos como este e, por coerência, o próprio corpo já che pede ser partícipe e fazer o que está nas tuas maos para que isto continue. Sinceramente nom seria capaz de dizer o momento exato da minha vida em que "comecei" na Revira, foi um processo gradual.

Ponte Vedra é umha cidade com umhas problemáticas específicas, como as touradas, a Brilat, Ence... que notais de particular nesta cidade e como influi na vossa atividade?

Na minha opiniom Ponte Vedra é umha vila muito peculiar em que, às vezes, resulta complicado o trabalho de umha associaçom como a nossa, mas ao mesmo tempo é possível ter muita repercusom. Além dos conflitos que mencionas, nos quais nom há mais saída que a luta e mobilizaçom sem trégua, há muitas mais particularidades que influem diariamente no nosso labor.

Por um lado, o fato de ser umha cidade principalmente fun-

cionarial, sem apenas tecido industrial, fai que resulte muitas vezes complicada, até frustrante por momentos, a mobilizaçom social baixo uns critérios combativos. Também resulta muito alarmante a situaçom da nossa língua, sendo umha vila em que ainda continuam a ser reproduzidos esses velhos clichês do rapaz do rural que muda a sua língua ao chegar à escola da cidade ou dos avós que mudam de língua para falarem com o neto.

A Revira sofreu recentemente um ataque com grafitis fascistas. Estais a perceber um ressurgimento da extrema direita na cidade?

Nom chegaria a denominá-lo um ressurgimento, nem muito menos, mas sim há grupos de salvapátrias que se juntam de quando em vez para fazer algumha destes disparates. Porém, começam a dar-se situaçõs que tempo atrás nom aconteciam e também se percebe uma maior organizaçom. Nom há que esquecer que nom é o primeiro ataque que sofremos, pois já fomos vítimas dum ataque incendiário no outro espaço que tínhamos, nem é um

fato isolado, nos últimos anos houve as sabotagens deste tipo contra lugares ou monumentos emblemáticos da comarca, como o miradouro do Monte Pituco, o monumento aos fuzilados da Caeira, em homenagem a Alexandre Bóveda, ou o recente "aguilucho" que apareceu num monolito aos caídos em Marim.

Como é a relaçom da Revira com o Câmara municipal de Ponte Vedra, a qual está encabeçada polo nacionalismo?

Pode-se dizer que é cordial, mas está limitada a situaçõs pontuais. Colaboramos anualmente com eles na organizaçom da Festa da Língua, com a intençom de oferecer um programa o mais completo possível, mas sem atraiçoar umha das bases do projeto desde os seus começos: a autogestom, mantendo-nos em pé em base às quotas das pessoas associadas e das nossas atividades, sem ajuda de nenhum tipo. Além disso, ao longo do ano e na nossa atividade quotidiana, apenas temos relaçom, como qualquer outro coletivo, a relaçom é em momentos pontuais e para temas muito concretos.